

# PROUST E AS CHAVES DE SENTIDO: A INTERPRETAÇÃO DELEUZIANA DA RECHERCHE

Smally Galvão MOREIRA  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

## RESUMO

O presente trabalho dispõe-se a apresentar uma análise acerca da obra *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust, baseando-se na análise estabelecida por Gilles Deleuze acerca das relações entre signos e significantes que são contínuos nesse livro. Ao se observar a estrutura narrativa de Proust e as considerações feitas por Deleuze sobre a obra em questão neste trabalho, caracterizam-se uma distância em relação a alguns pontos aparentemente desconexos, mas que ganham forma e aproximação à medida que aplicamos as fórmulas de análise presentes no livro deleuziano, *Proust e os signos*. Isto ocorre por causa da revisão interpretativa imposta por Deleuze sobre a *Recherche*, que condiciona uma série de signos a imagens que aparecem ao longo do livro a conceitos como amor, amizade, arte e filosofia, fazendo com que haja uma forma de interpretação que não seja a que durante tanto tempo vigorou no meio literário, que foi a de que o livro proustiano era uma obra memorialista com traços autobiográficos. Após a utilização do sistema interpretativo deleuziano fica evidente que essa perspectiva memorialista da obra como um todo é um tanto superficial, pois as dimensões a que Deleuze recorre são mais ricas do ponto de vista interpretativo, ao mesmo tempo em que descortinam pontos de vista que não tinham sido abordados até então na obra de Proust, como é o caso da busca intencionada por todo o livro. Essa busca nada mais é do que a busca pela essência da arte, objetivo principal da análise que o autor faz da realidade confrontada em planos paralelos de consciência.

Palavras-chave: Proust, Deleuze, interpretação, Recherche.

O presente trabalho dispõe-se a apresentar uma análise acerca da obra *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust, baseando-se na análise estabelecida por Gilles Deleuze acerca das relações entre signos e significantes que são contínuos nesse livro. Ao se observar a estrutura narrativa de Proust e as considerações feitas por Deleuze sobre a obra em questão neste trabalho, caracterizam-se uma distância em relação a alguns pontos aparentemente desconexos, mas que ganham forma e aproximação à medida que aplicamos as fórmulas de análise presentes no livro deleuziano, *Proust e os signos*.

Isto ocorre por causa da revisão interpretativa imposta por Deleuze sobre a *Recherche*, que condiciona uma série de signos a imagens que aparecem ao longo do livro a conceitos como amor, amizade, arte e filosofia, fazendo com que haja uma forma

de interpretação que não seja a que durante tanto tempo vigorou no meio literário, que foi a de que o livro proustiano era uma obra memorialista com traços autobiográficos. Após a utilização do sistema interpretativo deleuziano fica evidente que essa perspectiva memorialista da obra como um todo é um tanto superficial, pois as dimensões a que Deleuze recorre são mais ricas do ponto de vista interpretativo, ao mesmo tempo em que descortinam pontos de vista que não tinham sido abordados até então na obra de Proust, como é o caso da busca intencionada por todo o livro. Essa busca nada mais é do que a busca pela essência da arte, objetivo principal da análise que o autor faz da realidade confrontada em planos paralelos de consciência. O que podemos perceber de modo mais explícito:

Aliás, a obra de Proust delineia uma teoria que pressupõe nesta o tratamento simultâneo de estrutura e do processo, ou, nos termos da presente discussão, do pormenor integrado em configurações expressivas, e sua alteração no tempo como *lei* do significado. Resulta em um paradoxo aparente, pois descreve a mudança incessante de seres, relações e coisas no fluxo temporal, mas encontra o significado nas permanências que essa mudança revela. (CÂNDIDO, Pág.125, 1993.)

As descobertas da memória são dadas como fruto do choque entre passado e presente através do progresso de um aprendizado que é feito através desse movimento de ida e volta e confrontamento entre experiências vividas e revisitadas em uma perspectiva de realidade diferente. A progressão de experiências leva a um aprendizado que proporciona uma revelação, trazida à tona pelas coisas que o herói proustiano não sabia e as aprende por meio desta progressão. Ao opor as duas experiências, a que ele viveu e aquela que está vivendo, o protagonista encontra uma experiência de decepção, em meio a um processo de aprendizagem, pois só é possível ter acesso a esse aprendizado através da decepção gerada pela dicotomia entre passado e presente, no inconsciente do narrador. É nessa conjuntura que a arte surge como uma revelação que sistematiza o conjunto anteriormente descrito, o resultado da experiência de decepção com o objeto lembrado é a arte como manifestação pura e essencial do mundo vivido e das relações sociais que o indivíduo é posto.

A diferença que se estabelece entre os elementos dessa contextualização são dados pela possibilidade de reconhecermos as coisas sem jamais as conhecermos, pois podem desenvolver-se em uma diferença entre signo, objeto e portador, conceituada por Deleuze e que se distribui em meio ao sistema de associação e diferença, dentro do jogo interpretativo em que está caracterizado o livro proustiano. O objeto sempre é o mesmo dentro do processo das lembranças, mas o signo que ele representa diferencia-se de acordo com o portador, fazendo com que o processo de reconhecimento se efetue, mas que se faça de forma diferenciada, pois não conhecemos sua essência, como acontece com a arte. Acontece ao longo desse movimento interpretativo uma facilidade de recognições, dadas pelo conjunto de experiências que se acumulam no inconsciente do personagem proustiano e que provocam uma interpretação contínua da experiência criada em torno do choque entre passado e futuro, quando da formulação do presente enquanto realidade. Deleuze exprime essa caracterização como:

De fato, uma revelação parcial aparece em determinado campo de signos, mas é acompanhada às vezes de regressões em outros campos, mergulha numa decepção mais geral, pronta a reaparecer em outros campos, sempre frágil enquanto a revelação da arte ainda não sistematizou o conjunto. (DELEUZE, Pág. 26, 1987.)

Dessa forma desenvolve-se um aprofundamento dos encontros, pois ao serem comparados e duplicados em esferas de tempo diferentes, proporcionam uma aproximação maior entre signo e objeto, ao mesmo tempo em que descortinam uma nova realidade, produto desse processo histórico-temporal cíclico e espiral. Podemos chamar a esse processo de cíclico e espiral porque estabelece o aparecimento sucessivo das mesmas situações que envolvem o protagonista de formas diferentes, numa esfera paralela, para que as duas situações, a do instante em que acontece e a do que aconteceu possam ser comparadas em planos simétricos da realidade vivida e apreendida através da experiência que leva a uma decepção. A decepção depende da experiência para ser absorvida e o aprendizado só pode ser desenvolvido se houver a comparação entre os dois planos em que o objeto foi observado.

O protagonista Marcel passa os momentos de sua vida de duas maneiras, a que ele viveu em um passado mais distante e um presente, que descortina os fatos do passado como uma face de um modelo social que ele descobre ser diferente daquele em que ele vislumbrou em sua mocidade. A fragilidade das relações humanas, da própria condição humana, estão dispostas em um “aquário” onde os indivíduos representam uma vida normal em um ambiente que simula a realidade. A imagem do aquário é trazida algumas vezes por Proust em sua obra, principalmente quando retrata a festa em Balbec, que a alta sociedade francesa fica dentro dos vidros do restaurante e aqueles que não puderam entrar espremem o rosto contra a parede deste aquário, que resume bem o processo de crítica de uma sociedade decadente em suas características morais e éticas.

Sobre o sentido de crítica social aparece a arte como dimensão possível do sublime, sua forma salvadora da consciência humana, pois a arte é uma maneira de se chegar próximo da essência das coisas, que está muito distante da superficialidade de relações descritas no romance, superficialidade enquanto maneira de agir e pensar dos personagens que não alcançam a forma pretendida ou aproximada de Proust. Desse modo, a arte não se mostra de todo, não é apreendida de imediato, pois condiciona sua observação que se configura em um segredo. O romance de Proust configura-se em:

Uma estrutura sinfônica, mais do que narrativa, na aceção corrente. As imagens cambiantes do poeta simbolista, com suas “associações múltiplas”, são, no caso dele, as personagens, situações, lugares, momentos vividos, emoções obsessivas, padrões de comportamento repetitivo. (WILSON, Pág. 100, 1987.)

O segredo da arte está nos objetos a descrever, nas coisas a designar, nas personagens ou nos lugares a observar. A dimensão artística existe na construção da percepção proustiana dos elementos que compõem o seu processo de aprendizado, em todas as fases do aprendizado através da decepção, por parte do jovem Marcel, a arte surge como uma dimensão sempre insinuada e quase nunca compreendida, que se manifesta em todos os ambientes, pessoas e objetos que sucedem-se em sua viagem pela

quarta dimensão, o tempo, estabelecido como a manifestação pura da arte, pois é contínuo. O tempo em Proust é uma das principais chaves de sentido, pois configura a base interpretativa de todo o romance *Em busca do tempo perdido*, abordando a passagem do tempo, seus lapsos e continuidades, como sendo a característica maior do contexto analítico em questão.

O que se vê em algumas passagens do livro denota a idéia de impotência quanto a manifestação dos sentidos, segundo Deleuze, pois este a exprime no que se refere a observar, escutar e ver, os sentidos necessários à percepção do valor da arte enquanto manifestação. Essa impotência relatada por Deleuze funda-se na memória voluntária, que provoca a lembrança das coisas e não dos signos, sendo necessária para que haja o choque interpretativo, que dará origem ao aprendizado através da decepção, colocando-se como um dos aspectos necessários ao processo de compreensão da arte como essência em si, o cerne da estrutura analítica é a sua dimensão de círculos concêntricos que, em torno do mesmo tema, provocam seu entendimento a partir do aprofundamento das relações com o signo e seus significantes.

Nesse caso a inteligência e a objetividade dão a percepção do objeto, que se manifesta de acordo com a capacidade de apreendê-lo através de suas formas, desenvolvidas em torno de uma aparência decifrada por aqueles que o interpretam com maior ou menor objetividade, fruto da inteligência, e que se processa de forma contínua para a memória do observador, demonstrando:

A idéia fundamental de que o tempo forma diversas séries e comporta mais dimensões que o espaço : o que é ganho em uma não é ganho na outra. A *Recherche* é ritmada não apenas pelos depósitos ou sedimentos de memória, mas pelas séries de decepções contínuas e pelos meios postos em prática para superá-las em cada série. (DELEUZE, Pág. 26, 1987.)

No processo de interpretação que se manifesta ao longo da análise deleuziana é característica a substituição da filosofia e da amizade pelo amor e a arte como fruto de uma gama de signos e significações resultantes dessa relação, produzidos pelo choque da memória com o objeto em sua dimensão real. Para a relação de valor que se estabelece entre o amor e arte e seus comparativos diretos na obra proustiana, a saber, a amizade e a filosofia, aqueles têm maior importância porque, mesmo um amor medíocre vale mais que uma grande amizade. Isso ocorre porque o amor se nutre de uma interpretação silenciosa, sendo rico em signos. Em que se processam dois sistemas:

Daí cada pessoa ou objeto adquirir um valor por assim dizer absoluto, que se esgota na descrição ou no juízo. Ao contrário, a arte do narrador (Proust) pretende descrever de muitas maneiras, recomeçar de vários ângulos, ver o objeto ou a pessoa de vários modos, em vários níveis, lugares e momentos, só aceitando a impressão como índice ou sinal. É uma visão dinâmica e poliédrica, contrapondo-se a outra, estática e plana. (CÂNDIDO, Pág. 127, 1993.)

À medida que o objeto amoroso é interpretado e reinterpretado ele favorece uma contínua busca por seu significado, pois absorve vários deles ao mesmo tempo em

que se dispõe a uma interpretação particular no processo de busca pela essência das coisas e que a arte sublima com maior propriedade, fazendo com que a significação pretendida pelo autor se processe com maior intensidade. Da mesma maneira acontece com a valoração atribuída a obra de arte em relação à obra filosófica, pois o que se subentende na simbologia do signo é mais profundo que as significações explícitas, provocando uma interação entre os símbolos do amor e da obra de arte em oposição aos da amizade e da filosofia. A amizade e a filosofia seriam os pontos superficiais de uma busca pela essência, aos quais a arte e o amor seriam o ponto central, desenvolvidos sobre o plano da realidade ao ser exposta ao inconsciente interpretativo em que os fatos passados e presentes dividem-se de acordo com essa valoração.

Muitos dos objetos e encontros relatados no livro proustiano pertencem ao sistema da amizade e da filosofia, pois são superficiais em suas relações de importância na contextualização que Proust descortina como sendo o retrato da sociedade parisiense da chamada *Belle Époque*, durante o período de tempo a partir do momento em que esta se consolida até quando entra em decadência, nos é mostrado como o amor e arte são raros em suas aparições nesse extrato social caracterizado pela superficialidade em lugar da essência pretendida pelo autor. A percepção da predominância da superficialidade no processo de rememoração é inconsciente, desencadeado pela dimensão imagética e simbólica da “Madeleine”, que é o signo repleto de significados que resume a busca pelo sublime de uma essência da arte nas relações entre memória e presente, na vida do narrador. No movimento de ida e volta que o livro estabelece, parte-se sempre de um ponto superficial, chegando-se ao seu fim que revela a essência que tanto pode ser aparente como profunda, revelando o objeto em sua real dimensão analítica.

O amor enquanto signo em sua dimensão de importância revela-se não em seu significante, aquele que se ama, mas sim nos significados que se atribuem a ele, aos temas que nele se incorporam, pois os signos e significações ultrapassam o objeto em sua forma e caracterização real. Surge assim uma maneira de observar que as razões de amar são independentes daquele que se ama porque fazem referência a temas atraídos a ele, sendo uma associação contínua a atribuir elementos de importância ao objeto amado, desse modo desenvolve-se uma série de elementos que circundam a lembrança do objeto e de suas variáveis no inconsciente do narrador. Estas são as significações que proporcionam a interpretação dos signos aos quais o objeto amado está incorporado e que favorecem a assimilação das razões de amar.

Surge desse modo, uma crença em uma realidade exterior àquela em que se processa o conjunto de características da primeira realidade, que a que o narrador está vinculado e desenvolve sua análise da passagem do tempo para os seus contemporâneos, como para si mesmo. A realidade é exterior a consciência de forma que se entende como superficial e aparente, passa a concretizar-se à medida que os signos tornam-se cada vez mais profundos e encerram uma determinação de compreensão baseada na percepção. Essa percepção desenvolve de acordo com as personagens:

Pois é somente a apresentação, não o desenvolvimento das personagens de Proust, que se revela descontínua. Foram concebidas, de acordo com a linguagem do próprio autor, com o fito de ilustrar certas leis; embora nos apareçam em sucessivos e diferentes aspectos,

conforme sejam vistas em diferentes ocasiões e diferentes lugares por diferentes observadores, seu comportamento, suas personalidades, guardam lógica irresistível. (WILSON, Pág. 109, 1987.)

A percepção de que o objeto que emite o signo também pode contê-lo pressupõe um sentido de que tanto o significado quanto suas significações estão em sintonia com o processo de rememoração, comparação e decepção provocado pelo modo como a busca pela arte se efetiva. A arte ganha o sentido de essência, mas condiciona sua interpretação ao modo como seus signos são observados e pela gama de significantes que surgem a partir dessa experiência, que favorece um fracasso na interpretação, dado pelo número de significações que o signo possui.

O fracasso na interpretação reside no fato de que a gama de significações que o objeto amoroso aglutina em torno de um sentido muito próximo ao da arte, expõe uma reinterpretação feita com a decepção pelo reconhecimento dos signos em que se concentram a análise deleuziana. A estrutura de aproximação entre arte e amor possibilita que haja uma forma de interpretação que circunde o inconsciente, desenvolvendo uma realidade externa a que já existiu, como se essa realidade externa fosse a dimensão paralela em que se processam as decepções no tocante ao confronto entre passado e presente. A consequência que surge desse processo baseia-se na importância da interpretação dentro do romance proustiano, ao mesmo tempo em que dispõe uma interpretação paralela e contínua. Nesse sentido, a interpretação paralela configura-se como:

A decepção é um momento fundamental da busca ou do aprendizado: em cada campo de signos ficamos decepcionados quando o objeto não nos revela o segredo que esperávamos. E a decepção é pluralista, variável segundo cada linha. Poucas são as coisas não decepcionantes à primeira vez que as vemos, porque a primeira vez é a vez da inexperiência, ainda não somos capazes de distinguir o signo e o objeto: o objeto se interpõe e confunde os signos. (DELEUZE, Pág. 34, 1987.)

Nesse contexto as linhas de aprendizado são compostas por dois momentos específicos onde o primeiro é a decepção, a interpretação objetiva, e o segundo, que são os conjuntos associativos ou a interpretação subjetiva. Da mesma maneira que o amor condiciona seus signos em torno de várias significações, a arte faz com que os objetos que remetem a si como essência possam desenvolver uma caracterização particular em meio ao conjunto de interpretações que atrai. Dessa forma, signo e objeto passam a ter uma relação intrínseca, pois o objeto que emite o signo torna a interpretação subentendida, e o signo estando semi-encoberto, suas significações ganham novas nuances.

O sentido desse método interpretativo estabelece que signo e sujeito que o interpreta possam se compreendidos como uma parte no todo da interpretação deleuziana de Proust, em que sujeito e signo são encarnados pela metade na análise que se faz da *Recherche*. Ao ser encarnado pela metade, o sujeito ou o signo que o contém são vistos como elementos incompletos, que só passam a ter uma significação mais aprofundada após a segunda olhada sobre os personagens que o narrador faz na

passagem do tempo pela sua obra. A segunda olhada é o ponto de convergência que a obra descortina sobre os seus componentes interpretativos, dando condições de se perceber, de mais perto, aquilo que se julgava sublime como sendo algo diferente e, na maioria das vezes, decepcionante.

A decepção com o objeto geralmente traz uma compensação do sujeito, em que o objeto aproximado com o tempo aparece como uma decepção da ordem da expectativa, criada em torno do que não se conhecia direito e que ao ser observado de perto se revela diferente e decepcionante, do ponto de vista da percepção. Surge aqui a compensação com o sujeito, que passa a ser depositário das novas expectativas e desejos do personagem Marcel, que vincula o sujeito ao objeto como sua forma de apreensão da realidade tornada exterior pela presença do tempo como determinante das relações de descoberta e decepção ao longo do livro.

Se a arte é o objeto de importância crucial ao longo da busca em que se torna o livro proustiano, a decepção é o momento fundamental dessa busca, que também é o aprendizado, diante das relações de importância que se configuram ao longo das decepções as quais o narrador é exposto enquanto elemento de uma sociedade em mudança lenta e irreversível, na qual a arte deixa de ganhar importância para que a filosofia seja o seu substituto direto com suas definições e fórmulas prontas, que assim como a amizade tenta substituir o amor com um referente aproximado em sua essência.

Ao morder a *Madeleine* o narrador entra em uma viagem sensitiva através de suas memórias, confrontando um passado distante no tempo e no espaço com o seu presente relativo, que é aquele no qual vive e que se encontra o tempo inteiro em trânsito no seu consciente comparando pessoas e lugares com situações das duas realidades, extraindo daí o substrato que dará origem ao romance que está escrevendo. O uso da metalinguagem nessa obra, um escritor que desenvolve uma obra a partir de suas memórias e que ao escrever o livro, seu personagem principal faz o mesmo, proporciona que se considere a natureza entre o prazer da arte e o da *Madeleine*.

A *Madeleine* é apenas uma das chaves de interpretação do romance de Proust, pois, ao ser comparada com o mundo em que o personagem viveu e que é o início do processo narrativo, ele condiciona que a essência da arte não reside na *Madeleine*, mas sim em todos os signos que ela denota enquanto simulacro de uma realidade externa e conseqüente a que ele vive no momento da escritura do romance. Ocorre um cortejo das contigüidades passadas na medida em que os fatos passam a ser recordados e comparados com as situações que se desenvolvem e que geram as decepções que produzem o aprendizado. O cortejo dessas contigüidades é que produz a relação de comparação entre passado e presente, que dá origem ao processo de decepção e aprendizado descrito anteriormente.

Ao situar a memória como o elemento de base na interpretação da *Recherche*, os analistas da obra de Proust cometeram um erro, segundo Deleuze, de reduzir a interpretação a apenas um condicionante de significação, o que provocou a redução da obra de arte ao objeto, como ocorre com a *Madeleine*, que é posta como sendo a essência da obra, do mesmo modo como os signos deixam de ter importância para os elementos da sociedade parisiense, que se apegam mais ao objeto em si e sua aparente significação da essência do que ao sentido que é inerente ao signo e suas significações.

Como o exemplo dessa perspectiva, Deleuze nos mostra a mania de Swann, que é a de representar no lugar de interpretar. Ao comparar essa chave de sentido com o sentido do livro proustiano, Deleuze estabelece que para a maioria das pessoas, como para os personagens de Proust, é mais fácil representar o signo do que interpretá-lo, daí o apego mais ao objeto do que ao seu sentido, por ser mais aparente e de fácil percepção. Deleuze toma o exemplo de Swann por que este passa a ver as pessoas como referentes aproximados de obras de arte famosas, surgindo aqui a crítica, pois a essência da arte é sempre deixada de lado pela necessidade de interpretação, que a requer enquanto manifestação artística.

Nesse ponto chegamos ao cerne desse trabalho, onde a principal razão da análise deleuziana fundamenta-se em um sentido da arte como essência em todas as esferas da realidade que o autor discrimina em sua obra e que se torna o pano de fundo da narrativa. A essência configura-se como verdadeira unidade do signo e do sentido nessa perspectiva analítica, especificando a essência da arte como a unidade descrita. O objeto pode ser renomeado e reinterpretado, mas seu signo não apresenta tal variação porque ele possui uma significação particular em meio a todas as significações que aderem a ele. O signo constitui-se como irredutível ao objeto que o emite, pois não é referente e sim essência do significado, independente do portador.

Da mesma maneira que o signo é irredutível ao objeto que o emite, o sentido é irredutível ao sujeito que o apreende, pois é essência da mesma forma que o signo, configurando uma nova interpretação da forma e do conteúdo na estrutura do inconsciente enquanto linguagem. O que essas duas comparações exprimem como o resultado da análise deleuziana fundamenta-se na importância da essência e da arte como seu objetivo resultante da observação do sentido em lugar da aparência, a interpretação em lugar da representação. A representação está ao nível do objeto do mesmo modo que a interpretação está ao nível do signo, ou seja, condiciona uma análise fácil e superficial em lugar de uma compreensão acerca do sentido final dos elementos que compõem a realidade social descrita no romance proustiano.

Apenas no nível da arte é que se revelam as essências, de acordo com a interpretação que Gilles Deleuze expõe em seu livro, *Proust e os signos*, pois é com a arte que se alcança a essência dos elementos que compõem a estrutura narrativa de Marcel Proust. Na medida em que a arte é observável, também o são as essências em torno dela, que surgem em formas sucessivas como no caso da *Recherche*, que se caracteriza por uma busca pela arte como essência, já que é a arte que possibilita o sentido de essência nessa busca.

À medida que o nível da arte favorece o aparecimento das essências, torna possível sua interpretação enquanto objeto de manifestação artística, pois a arte é favorável a interpretação e não à representação, dada pelos signos sem significados. Os signos têm uma característica interpretativa fundamentada no plano de análise que se configura como sendo o plano da realidade, seja ela exterior ao signo ou ao inconsciente denotado pela memória. A significação resultante da interpretação e por ela causada condiciona a leitura que se faz do contexto, baseado não numa representação, mas sim na essência da análise, que é a arte em si.

A revelação final dada por Deleuze acerca da obra de Proust está contida na afirmação de que os signos não nos revelam a essência, apenas aproximam-nos dela. Chega-se aqui ao sentido desse trabalho, que é justificar a análise proposta por Gilles



Deleuze sobre o livro de Marcel Proust *Em busca do tempo perdido*, análise esta baseada na interpretação do livro de forma diferente daquela praticada até então pelos críticos da obra, de que a *Recherche* seria um livro memorialista. Deleuze parte do princípio de que a obra de Proust pode ser compreendida como sendo um livro que busca a arte enquanto essência e caracteriza-se pela reinterpretação dos objetos, signos e significações que surgem ao longo da obra.

É a subjetividade que proporciona a interpretação sobre os sentidos, pois não seria possível que esta determinasse uma representação, dada pela dimensão do tempo como objeto de significação e não de significado. O aprendizado que se faz efetivo com a decepção é o caminho necessário para a interpretação da obra, que coloca em linha a forma e o conteúdo. A forma estabelece a representação enquanto que o conteúdo determina a interpretação, de acordo com o processo desenvolvido por Deleuze com relação à análise que se faz contínua. Em que a revelação final está contida:

Os signos mundanos, os signos amorosos e mesmo os signos sensíveis são incapazes de nos revelar a essência: eles nos aproximam dela, mas nós sempre caímos na armadilha do objeto, nas malhas da subjetividade. (DELEUZE, Pág. 38, 1987.)

Para Deleuze as essências estão em todos os tipos de aprendizado, em todas as espécies de signos que se fazem presentes na estrutura narrativa do livro proustiano. Entende-se como este processo pode exprimir o método interpretativo, porque os signos são as chaves para se iniciar o aprendizado, que só é dado pela decepção que se faz presente em cada uma das partes desse processo. Na medida em que há aprendizado, há essência, pois se utilizam de signos que proporcionam reinterpretações ao serem observados pela subjetividade que se constitui análise.

Acreditamos ter alcançado o objetivo desse trabalho, expor a análise deleuziana acerca do livro de Proust como constituinte de um viés interpretativo que reside no modelo de ordem diferente do praticado até então sobre essa obra. O sentido da análise baseia-se no processo que se faz cíclico e espiral, pois aprofunda os questionamentos acerca da interpretação cada vez que os observa como objetos portadores de signos com várias significações. As malhas da subjetividade fazem-se presentes na revelação final que Deleuze exprime como sendo o sentido de seu contexto analítico, que a importância da essência como vetor do sistema narrativo proustiano, na mesma medida em que descortina a essência como sendo a arte em si, a obra de arte seria a essência resultado do processo de aprendizado em que a decepção é o motor contínuo.

A essência da arte pode estar contida na pintura na escultura, na música, no teatro, da mesma maneira que a literatura pode abrigar esta mesma forma de análise. A literatura seria então o conceito de essência que Deleuze estabelece em seu livro e que toma forma à medida que interpretamos as principais características da obra, repletas de signos e seus referentes condicionados. O aproveitamento do romance proustiano para determinar um estudo acerca da essência da arte disposta pelo próprio Proust aponta para a habilidade interpretativa em construir uma análise sobre arte e literatura em um romance que tem no fluxo de memória seu pano de fundo.

Compreendemos que a análise deleuziana não configura-se como definitiva, apenas aponta para mais uma forma de interpretação e análise de uma obra tão rica quanto a *Recherche*, que dispõe em um processo de oposição e choque, a realidade e um passado que estabelecem um aprendizado como forma de se chegar à essência, aprendizado esse que passa por uma decepção cada vez que é acionado em um fluxo de memória, desencadeado por uma experiência sensitiva com chá de tílias e Madeleine. O passado é despertado pelos sentidos, o cheiro e o sabor, que retornam à essência de sua vida, sua juventude e a construção de uma experiência de aprofundamento e encontro com a arte, o objetivo final de sua busca.

## **BIBLIOGRAFIA**

CÂNDIDO, Antônio. **Recortes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido**. À sombra das raparigas em flor. Porto Alegre: Editora Globo, 1980.

WILSON, Edmund. **O castelo de Axel**. Estudo sobre a literatura imaginativa de 1870 a 1930. São Paulo: Editora Cultrix, 1987.